

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

GABRIELLE GABAS FELIPE

DOCUMENTÁRIO: ECHO – VOZES DAS RUAS

BAURU
2014

GABRIELLE GABAS FELIPE

DOCUMENTÁRIO: ECHO – VOZES DAS RUAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências Exatas
e Sociais Aplicadas como parte dos
requisitos para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo, sob orientação do
Prof. Me. Lucas Silveira de Azevedo

BAURU
2014

Felipe, Gabrielle Gabas.

F315d

Documentário: Echo - Vozes das Ruas / Gabrielle Gabas
Felipe. -- 2014.
68f. : il.

Orientador: Prof. Me. Lucas Silveira de Azevedo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru –
SP.

1. Documentário. 2. Moradores de rua. 3.
Responsabilidade social. 4. Jornalismo comunitário. I.
Azevedo, Lucas Silveira de. II. Título.

GABRIELLE GABAS FELIPE

DOCUMENTÁRIO: ECHO – VOZES DAS RUAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. Lucas Silveira de Azevedo

Banca examinadora:

Prof. Me. Lucas Silveira de Azevedo
Universidade Sagrado Coração

Prof. Me. Daniela Pereira Bochembuzo
Universidade Sagrado Coração

Prof. Me. Erica Cristina de Souza Franzon
Universidade Sagrado Coração

Bauru, 08 de dezembro de 2014.

À sociedade, que ela possa ter uma nova visão de mundo e um coração mais misericordioso e nobre para com as causas sociais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus. Ele quem conduziu os meus passos até o jornalismo e deu um presente maior do que eu poderia imaginar.

Aos meus pais, Ademauri e Mariluci Felipe, heróis na minha vida e motivo de inspiração. Pessoas que me educaram e aguçaram o meu olhar para as causas sociais.

Ao meu irmão, Bruno Gabas Felipe, melhor amigo e olhar carinhoso que aquece a alma.

Ao Gabriel Vitiver Novaes, que me incentivou com amor e colaborou integralmente com o desenvolvimento deste trabalho, principalmente na criação da identidade visual.

Às minhas queridas prof^a. Me. Daniela Bochembuzo e prof^a. Dr^a. Vanessa Matos dos Santos, que souberam criticar e apoiar durante toda a minha vida acadêmica e contribuíram com a minha formação profissional.

Aos meus amigos Matheus Bottura e Geraldo Rocha, provas de que amizades singelas e verdadeiras existem.

E aos meus queridos amigos que fiz na rua, por me ensinarem a ser mais humilde e abrirem os olhos do meu coração para uma nova causa.

“Não sei se a vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem
sentido, se não tocarmos o coração das
pessoas”. (Cora Coralina)

RESUMO

Com o crescimento do sistema capitalista, o egocentrismo tem sido fomentado em todo o Mundo e as políticas sociais estão cada vez mais escassas. A imprensa tem sido contaminada pelos meios propagandísticos e negligencia o seu papel primordial: revelar fatos e proporcionar conhecimento. Paralelamente a isso, surge o jornalismo comunitário, a fim de preencher as lacunas que os veículos de comunicação deixam, garantindo o pensamento coletivo por meio da proposta de ações que transcende o ato de informar, preservando o caráter transformador. Tais fatos justificam a produção deste trabalho, cujo objetivo é incentivar a prática de políticas sociais por meio do desenvolvimento de um documentário que conta a vida dos moradores de rua sob um novo ponto de vista. Histórias e relatos propícios para desmitificar as razões pelas quais um ser humano acaba em situação de rua e contribuir com a prática de políticas sociais. Como metodologia foram adotadas pesquisas bibliográficas e documentais. Para a produção do documentário, foram providenciados o *storyline*, o argumento e escaleta, dando origem ao roteiro. Após isso, as filmagens e entrevistas ocorreram em um campo de reciclagem, na Secretaria de Bem-Estar Social, na rodoviária e nas ruas de Bauru. A pós-produção deu o acabamento final do filme, com as decupagens das entrevistas, créditos iniciais e finais e trilha sonora. O produto final desta pesquisa é denominado “Echo-Vozes da Rua” e conta com treze minutos de duração.

Palavras-chaves: Documentário. Moradores de rua. Responsabilidade social.

Jornalismo comunitário.

ABSTRACT

With the growth of the capitalist system, the egocentrism has been fostered in the entire world and the social policies are becoming scarcer. The press has been contaminated by the propagandistic means and neglects its primary role: to reveal facts and provide knowledge. In parallel, the community journalism arises, in order to fill the gaps that the media leave, ensuring the collective thinking by proposing actions that transcends the act of informing, preserving its transforming nature. These facts justify the production of this paper, which aims to encourage the practice of social policies through the development of a documentary that tells the story of the homeless under a new point of view. Stories and reports propitious to demystify the reasons by which a human being ends up in the street living situation and too contribute with the practice of social policies. As procedures, were followed bibliographic and documentary research. For the documentary production, the storyline were provided, the proposed and the guild giving rise to the script. After that, the footage and interviews took place in a recycling field, at the Department of Social Welfare, at the bus station and in Bauru streets. The post-production gave the final finish of the film, with the decoupage of the interviews, start and end credits and soundtrack. The final product of this research is called "Echo – Voices from the Streets" and has thirteen minutes of duration.

Keywords: Documentary. Homeless. Social responsibility. Community journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVO	12
1.1.1 Objetivo Geral	12
1.1.2 Objetivos Específicos	13
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 MÉTODOS E TÉCNICAS	14
2 O DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA BRASILEIRA	16
2.1 O CORREIO BRAZILIENSE E A PREOCUPAÇÃO COM O SOCIAL	17
3 O JORNALISMO COMO FUNÇÃO SOCIAL	20
4 O DOCUMENTÁRIO COMO MOBILIZAÇÃO SOCIAL	23
5 METODOLOGIA DE PRODUÇÃO	27
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	27
5.2 PRODUÇÃO	29
5.3 PÓS-PRODUÇÃO: O TOQUE ARTÍSTICO DO PRODUTO	30
6 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO	33
6.1 PRÉ-PRODUÇÃO	33
6.1.1 A escolha do tema	33
6.1.2 Coletando dados e histórias	34
6.1.3 Patrocínio	36
6.2 AS ENTREVISTAS: DE FRENTE COM UM NOVO MUNDO	36
6.3 IMAGENS QUE COMPLEMENTAM	38
6.4 APRESENTANDO O PROBLEMA AO MUNDO: ROTEIRO E TRATAMENTO	39
6.5 A ESCOLHA DA PLATAFORMA	40
6.6 AS DIFICULDADES	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	48
APÊNDICE A – CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO	49
APÊNDICE B – DECUPAGEM ENTREVISTA SEO FRANCISCO	50
APÊNDICE C – DECUPAGEM ENTREVISTA PETERSON	53
APÊNDICE D – DECUPAGEM ENTREVISTA CESAR	55

APÊNDICE E – DECUPAGEM ENTREVISTA DARLENE.....	57
APÊNDICE F – DECUPAGEM ENTREVISTA MARIA	59
APÊNDICE G – ROTEIRO DOCUMENTÁRIO	61
APÊNDICE H – IDENTIDADE VISUAL DOCUMENTÁRIO	66
APÊNDICE I – AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM DARLENE TENDOLO.....	67
APÊNDICE J – AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM MARIA.....	68
APÊNDICE K – PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO	69
APÊNDICE L – ARGUMENTO DO DOCUMENTÁRIO	70

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma preocupação com o posicionamento da sociedade perante as dificuldades alheias. O egocentrismo é característica marcante do sistema capitalista, cujo foco está na acumulação de bens materiais e na satisfação pessoal, desviando a atenção daqueles que necessitam de ajuda e esperança – mesmo que tenham acabado em péssimas condições em virtude das próprias escolhas.

A exclusão social, apesar de carecer de definições, está presente no dia a dia de toda comunidade. Em um contexto brasileiro, ela é resultado de problemas decorrentes das questões étnicas e raciais, das imigrações e da globalização. A marginalização deu seus primeiros indícios na Idade Média, com o feudalismo e suas relações de trabalho servil, desde então, “categorias de trabalhadores são jogadas no desemprego e, passado algum tempo, podem tornar-se desnecessárias ao circuito econômico” (BURSZTYN, 2000, p. 8).

Em 2007, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) realizou a primeira pesquisa¹ nacional da população em situação de rua. Equipes de pesquisadores percorreram 71 cidades do Brasil e identificaram 31.992 moradores de rua. A maioria chegou a essa situação em razão do uso abusivo do álcool, desemprego, violência, drogas e, por vezes, desilusões amorosas. Infelizmente, o número de instituições que auxiliam esses indivíduos, ainda é pouco!

Segundo pesquisa² realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em quatro anos foram criados 175 Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua no país, distribuídos em 154 municípios. Na cidade de Bauru, há quatro unidades que auxiliam 152 moradores na

¹ SILVEIRA, F. Censo Nacional de População de Rua – Desenvolvimento e Aplicação da Metodologia. In: SEMINÁRIO SISTEMAS DE PROTEÇÃO SOCIAL - DESAFIOS NO CONTEXTO LATINOAMERICANO, 2009, Brasília. **Apresentações...** Brasil: 2007. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/eventos/assistencia-social/seminario-sistemas-de-protecao-social-2013-desafios-no-contexto-latinoamericano/arquivos/apresentacoes/painel_3.2_-_flavio_silveira.pdf/download>. Acesso em: 06 set. 2014.

² FERREIRA, F. População em Situação de Rua: conceitos e mensurações. In: II ENCONTRO NACIONAL DE PRODUTORES E USUÁRIOS DE INFORMAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS E TERRITORIAIS, 2006, Rio de Janeiro. **Documento apresentado para discussão...** Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/confest_e_confege/pesquisa_trabalhos/arquivosPDF/L714_02.pdf>. Acesso em: 05/08/2014.

busca por uma nova oportunidade. O Albergue Noturno, mantido pelo Centro Espírita Amor e Caridade (CEAC), por exemplo, existe desde 1951 e fornece abrigo, comida, banho, roupa lavada aos desabrigados que vão até o local. Atualmente, a instituição realiza 30 atendimentos por dia, tem funcionamento sem interrupção e trabalha em parceria com a Prefeitura Municipal de Bauru, a qual, através do Centro POP (Centro para População de Rua), realiza triagens noturnas com os moradores de rua.

Apesar da ativa participação por parte da prefeitura e de outras organizações, a população permanece inerte à situação desses moradores. Nesse sentido, conscientizar a população sobre a importância da responsabilidade social é crucial para o convívio mutualístico e este ato somente pode ser exercido por meio do jornalismo comunitário, entendido como aquele que atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social. “O compromisso não é apenas factual mas também social” (PENA, 2008, p. 185).

É com esse desafio que foi criado um documentário que visa atender a função social do jornalismo, que está calcada em informar, explicar e orientar e de fazê-lo norteada de sentidos. Para tanto, o produto, se baseou em pesquisas bibliográficas e de campo. Tal processo seguiu a recomendação de pesquisadores do jornalismo, que insistem no planejamento da produção. “[...] É recomendável produzir – isto é, prever o instante, escolher o ambiente, pesquisar o tema -, sempre que possível [...]” (LAGE, 2009, p. 86).

Imbuída dessa recomendação, o documentário “Echo – Vozes das Ruas” explora o cotidiano dos moradores de rua e explicita suas principais dificuldades e sentimentos, assim como incentiva o trabalho social por meio de depoimentos e imagens coletados de representantes de centros de auxílios já existentes.

1.1 OBJETIVO

1.1.1 Objetivo Geral

- Desenvolver um documentário que explicita o cotidiano dos moradores de rua, por entender que, como população às margens da sociedade, tem pouco espaço para que sua voz seja ouvida. Nesse sentido, o produto proporciona não

somente a expressão de informações sobre esse público, bem como indica sentidos sobre a vida dos indivíduos que vivem em situação de miséria.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Reunir informações acerca do jornalismo social para que o produto atenda seus apontamentos e surta o efeito necessário e incentivador sobre o público.

- Explicitar o processo de produção de um documentário, indicando dificuldades e facilidades a fim de garantir a transmissão de experiências por meio da informação.

- Incentivar a prática da responsabilidade social por parte das autoridades e da população.

- Demonstrar que o jornalismo comunitário, entendido como humanizado e social, é exequível e produz resultados no que tange à reflexão sobre o outro e sobre os papéis que as pessoas e organizações exercitam e deveriam praticar para a construção de uma sociedade mais justa, digna, tolerante e igualitária.

1.2 JUSTIFICATIVA

A iniciativa de produzir um documentário com foco no cotidiano dos moradores de rua foi tomada ao se perceber a carência da prática diária da imprensa de realizar um jornalismo com foco comunitário, mais humanizado, uma vez que, no contexto atual, a submissão aos interesses de mercado e ao comportamento centrado no individualismo acabam por motivar produções jornalísticas calcadas no consumo rápido de informação, sem implicações e análises mais profundas sobre o cotidiano em que o veículo de comunicação está inserido.

Na teoria, fazer jornalismo é explicitar a realidade sem permitir que o meio ou o profissional a distorça, porém, na prática, não é isto que acontece: a imparcialidade e a objetividade são mitos. “A sociedade confunde a objetividade do método com a do profissional, e este jamais deixará de ser subjetivo” (PENA, 2008, p. 51).

Almejar pelo exercício da profissão de forma correta e ética não deve ser visto como um idealismo. No âmbito atual, o mundo carece de informações que propiciam

o conhecimento e levam a refletir sobre o papel social da humanidade, já que “o jornalismo pode ser transformador, pode embalar a utopia” (TAVARES, 2012).

O jornalismo comunitário é considerado por muitos um pensamento idealista, porém é o grande responsável por aguçar a indignação e incentivar o pensamento filosófico, social e humanista e, ainda, contribuir para a promoção de atividades que visam o bem alheio e o funcionamento mutualístico da humanidade.

O jornalista que se coloca na perspectiva do jornalismo social se sente, antes de tudo, um cidadão comprometido com a realidade de seu país e, como tal, um ator social de peso. Deste modo, subtrai-se da ideia de que o jornalista é uma testemunha objetiva da realidade e adota uma atitude proativa no desenvolvimento da profissão (CYTRYNBUM, 2004, p. 64).

Nesse sentido, abordar a situação dos moradores de rua em um documentário pode levar os que assistem a enxergar o fato por outro ângulo, compreendendo suas razões e sentimentos e percebendo que são seres humanos que também carecem de auxílio.

1.3 MÉTODOS E TÉCNICAS

Seguindo a proposta do jornalismo social, foi formulado o documentário “Echo – Vozes das Ruas”, utilizando os ensinamentos aprendidos em sala de aula, pesquisas bibliográficas e a partir do investimento em relacionamento com os indivíduos em questão e os centros de auxílio.

A vivência foi crucial para a produção de um produto com sentidos e romantizado. Foi trabalhado um relacionamento de aproximação com os moradores de rua, o que colaborou com a realização de uma entrevista espontânea e sincera.

O conhecimento prévio sobre a situação atual dos indivíduos em situação de miséria e sobre a história dos centros que os auxiliam foi fundamental para a elaboração do roteiro de perguntas e, conseqüentemente, na criação de um produto informativo, mas, também, reflexivo.

Após a seleção dos órgãos que prestam ajuda aos moradores de rua, foi iniciado um processo de pesquisa de dados e notícias, a fim de levantar as práticas

tomadas para amenizar a situação nas ruas de Bauru, tendo sempre a cautela de, posteriormente, confirmar as informações coletadas com os órgãos responsáveis.

2 O DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA BRASILEIRA

É inevitável falar sobre jornalismo comunitário e seu papel expressivo sem antes introduzir um pouco da história da imprensa colonial no Brasil e relacionar os impactos que ela exerceu sobre a sociedade. O desdobramento da imprensa brasileira foi marcado por atrasos, represálias e interesses lucrativos e políticos, tanto na época do período colonial quanto ao decorrer das conquistas presidenciais. Até 1807, a Coroa Portuguesa proibia toda e qualquer manifestação intelectual, fato que se repetiu no período da ditadura militar brasileira. O objetivo sempre foi o mesmo: dominar. O Brasil era considerado uma colônia extrativista e o desenvolvimento de ideologias políticas era considerado uma ameaça ao governo.

Contudo, no ano de 1808, a situação começou a mudar. A família real portuguesa viu-se forçada a deixar as terras europeias e migrar para o Brasil, fugindo das forças armadas do imperador francês Napoleão Bonaparte. A esquadra de D. João VI era composta por 58 navios, dentre eles, havia um mais do que especial, “Medusa”, o qual abrigava em seu porão o material tipográfico que deu origem aos primeiros impressos em solo nacional. “Na bagagem do príncipe regente incluem-se dois prelos e 26 volumes de material tipográfico do Arco do Cego comprado na Inglaterra para a Secretaria de Negócios Estrangeiros e da Guerra” (BAHIA, 2009, p. 18). D. João VI chegou em terras brasileiras e no dia 13 de maio de 1808, a imprensa no Brasil é inaugurada por meio da Imprensa Régia. No mesmo ano, em setembro, a “Gazeta do Rio de Janeiro” começou a circular.

A transferência do governo luso para terras nacionais exigiu uma série de transformações sociais e econômicas, afinal, o Brasil não tinha os requisitos básicos para abrigar a corte³.

Criaram-se logo os principais tribunais para a administração das finanças e da justiça; promulgou-se um decreto permitindo o livre exercício de toda espécie de indústria; instituíram-se várias repartições de segunda ordem para regularizar o comércio e outros objetos; e finalmente estabeleceu-se a Imprensa Régia. Fundaram-se uma Academia Militar, e outra de Cirurgia; abriram-se ao público as portas da Biblioteca Real, que continha 60 mil volumes (ARMITAGE, 1934, p. 34).

³ MELO, J. **História do jornalismo – itinerário crítico, mosaico contextual**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 87.

Os portos se abriram para as outras nações, possibilitando o desenvolvimento do comércio. Um país que antes era distante à informação, agora passa a ter acesso às notícias que são interessantes para o governo português e que, posteriormente, serão cruciais para a formação do jornalismo comunitário.

2.1 O CORREIO BRAZILIENSE E A PREOCUPAÇÃO COM O SOCIAL

Pouco antes da chegada da imprensa no Brasil, em junho de 1808, Hipólito da Costa, administrava de Londres o “Correio Braziliense”. Considerado o primeiro periódico brasileiro, o jornal é “moderno, dinâmico, crítico. Mensário, impõe-se pela opinião e pela informação política” (BAHIA, 2009, p. 17).

Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nasceu em 1764 na Colônia do Sacramento. Em 1801 foi nomeado diretor literário da junta da Imprensa Régia e tinha como função adquirir livros para a Biblioteca Real e maquinários para o “periódico do governo português”. No ano de 1708, partiu rumo às Américas, a mando da Coroa, para espionar os avanços tecnológicos e lá começou a desenvolver a sua essência social e política.

Hipólito deixou nas páginas de seu diário um registro que é um documento fascinante da vida cultural e das instituições americanas no final do século XVIII. Através do seu olhar inteligente, ficamos conhecendo o lugar da mulher, do negro e do índio naquela sociedade.

[...] naqueles tempos remotos, os Estados Unidos não só já contavam com instituições sociais políticas e culturais avançadas, como conhecia a imprensa livre e os processos eleitorais adiantados. Hipólito viu tudo isso e comparou com o Brasil e com o Portugal que conhecera: atrasados, obscuros, dominados por uma aristocracia tacanha, vivendo sob um regime absolutista em que a Inquisição, da qual ele logo se tornaria uma vítima, ainda dominava (LUSTOSA, 2003, p. 10).

No período de 1802 à 1804, Hipólito foi preso por declarar-se maçom, porém, conseguiu fugir e exilar-se na Inglaterra. Constitui em 1808 o “Correio Braziliense”, jornal que narrava os fatos acompanhados de pensamentos políticos, econômicos, culturais, filosóficos e sociológicos.

Feliz eu, se posso transmitir a uma nação longínqua e sossegada, na língua que lhe é mais natural e conhecida, os acontecimentos dessa

parte do Mundo. [...] O meu único desejo será de acertar na geral opinião de todos (COSTA, 1974, p. 1).

Hipólito reconheceu que a mudança da coroa portuguesa para o Brasil acarretaria uma transformação institucional para o país e como grande pensador social, não quis se manter aquém. Apesar de não encontrarmos nas raízes do jornalismo o serviço público⁴, “a forma que Hipólito achou para trabalhar pela mudança foi a palavra impressa e livre de censuras, tal como ele via ser a prática no país que o acolhera” (LUSTOSA, 2003, p. 13).

A primeira publicação do “Correio Braziliense” ocorreu no dia 1º de junho de 1808 e assumiu papel educativo e social no processo de formação do novo Brasil. Naquele tempo, o jornalista era considerado um educador, já que o acesso à educação era bem menos democrático⁵. Segundo Almeida (1889, apud INEP, 2003, p. 6), no período colonial o percentual da população escolarizada era de apenas 1,8%. O jornalista via-se na obrigação de suprir a ausência de livros e escolas por meio de seus escritos, fator que interferiu no formato do primeiro periódico brasileiro.

[...] cada número tinha cerca de 100 páginas e era dividido em sessões: política, comércio e artes, literatura e ciências, miscelânea e, eventualmente, correspondência. Na miscelânea, Hipólito incluía as “Reflexões sobre as novidades do mês”. Era a parte mais interessante do Correio (LUSTOSA, 2003, p. 15).

O jornalismo social começa a surgir na sessão “Reflexões sobre as novidades do mês”, onde Hipólito expressa toda a sua impressão social sobre o Brasil. O papel do “Correio Braziliense” era informar os brasileiros sobre os acontecimentos do mundo afora, influenciando-os a ter ideias liberais e pregando a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre.

Nesta sessão se apresentou um requerimento de suma importância para o Brasil, e se diz ser dos escravos do Brasil, pedindo que sejam declarados livres todos os negros que tenham nascido desde o dia 26 de janeiro de 1821 (COSTA, 1974, p. 65).

A primeira edição chega ao Brasil em outubro de 1808 causando repercussões. O jornal, então, é proibido em território nacional e, inclusive, em terras

⁴ PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 87.

⁵ LUSTOSA, I. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 15.

portuguesas, onde ler o “Correio Braziliense” é sinônimo de violação de lei. Porém, apesar de toda censura e represália, a influência do periódico permanece intacta por quase 15 anos. Hipólito da Costa, ao descobrir a Independência em 1822, vê sua missão cumprida e decide encerrar as atividades do “Correio” e voltar para o Brasil⁶. Ao todo foram 175 edições que interferiram nas profundas transformações sócio-políticas pelas quais o país passou.

⁶BAHIA, J. **Jornal, história e técnica – história da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 32.

3 O JORNALISMO COMO FUNÇÃO SOCIAL

Se nos primórdios do Brasil a sociedade colonial já era marcada por interesses econômicos mundiais, a atualidade é ainda mais preocupante. Vivemos em um mundo onde 95% dos países são adeptos ao capitalismo, a indústria jornalística está sujeita ao financiamento por parte dos anunciantes, afinal, a publicidade midiática é um canal por onde os consumidores são incentivados a comprar e, assim, manter o veículo de comunicação ativo⁷. Mesmo com o amplo desenvolvimento do jornalismo, ainda é difícil identificar uma empresa que siga puramente a ideologia jornalística. “Os meios de comunicação não são mais produzidos pelas necessidades políticas do público, mas pelas necessidades do mercado” (BUCCI, 2000, p.171).

O escamoteio ou a distorção de informações; as pautas motivadas por interesses particulares não revelados; a irresponsabilidade com que se difundem falsas informações ao público; a acomodação dos repórteres a um jornalismo de relatos superficiais; os textos confusos e imprecisos; a facilidade com que a imprensa acolhe, sem apurar, denúncias que favorecem ou prejudicam alguém; a frequente prevalência dos objetivos do marketing sobre as razões jornalísticas [...] são claros sintomas de um desequilíbrio de identidade do jornalismo, enquanto função social (CHAPARRO, 1994, p. 108).

O verdadeiro jornalismo vai além do informar. O objetivo é fornecer conhecimento baseado em valores que ultrapassem barreiras propagandísticas e que têm como função noticiar, declarar a verdade, servir a população e exercer um papel público e democrático, aproximando-se e respaldando-se no social.

A teoria da responsabilidade social no meio jornalístico surgiu no começo do século XX, nos Estados Unidos, como forma de resposta ao sensacionalismo e pensamentos mercadológicos. Ela “encontra-se na ideia de uma imprensa livre cujos atos são socialmente responsáveis. A liberdade de imprensa sempre depende de certas obrigações para com a sociedade” (KUNCZIK, 2001, p. 76). A função do jornalismo é assegurar que as notícias não sejam consideradas um ramo de

⁷SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Layola. 2005, p. 21.

negócios, afinal, ele retém funções primordiais para o benefício da sociedade, principalmente ao que diz respeito à vida cultural e política⁸.

O código deontológico do jornalista abarca uma série de fatores que garante o exercício da profissão de uma forma mais democrática e sincera, adotando critérios de noticiabilidade intrinsecamente conectados com o interesse público, a solução dos problemas e a cidadania: i) relação e interpretação dos fatos com rigor, exatidão e honestidade; ii) elaborar pautas com base na pesquisa pública e buscar informações com especialistas a fim de sanar os problemas; iii) aproximar-se dos bairros e das comunidades; iv) e incentivar a participação da população na vida e nos problemas públicos. O jornalismo não pode ser o exercício do expressar somente informação, ele precisa fornecer sentidos.

Para entender conceitos, mesmo os conceitos simples de uma matéria jornalística, muitas vezes é preciso ir além do significado das palavras, para alcançar o seu sentido dentro do texto. O sentido é diferente do significado porque leva em conta não só aquilo que está no dicionário, mas também a intenção com que se usa a palavra em determinado texto (MEDITSCH, 1992, p. 92).

Somente nas décadas de 70 e 80 o jornalismo comunitário começou a estampar as faces dos noticiários brasileiros. Após o fim da Ditadura Militar, a sociedade percebeu a necessidade de lutar por seus direitos políticos, diminuindo a fronteira individual e trabalhando a consciência coletiva⁹. Assim se concretizou o jornalismo com um caráter único, interessado na cultura local e impactante no que se refere a inserção do cidadão na comunicação ativa.

A construção da comunicação comunitária não abarca somente a teoria, mas exige um conhecimento profundo da comunidade local e do indivíduo com que se pretende trabalhar. No caso do trabalho “Echo – Vozes das Ruas”, o investimento no diálogo foi fundamental para o desenvolvimento do produto. A população de rua é marcada por uma série de traumas que balança a confiança no próximo, portanto, durante três anos, foram necessárias visitas, conversas e uma boa aproximação para que grandes histórias fossem expressadas e, assim, despertar e conscientizar a sociedade sobre os problemas da marginalização.

⁸ MCQUAIL, Denis. **Mass communication theory**. London: Sage Publications of London. 1994, p. 70.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001, p. 195.

Quando uma comunidade tem problemas crônicos tende a pensar que são parte inexorável da própria vida. Porém, se os problemas são apresentados através de um meio de comunicação – fotografias, dramatização de teatro popular, série de slides, filmes, gravação em fita e etc. – à comunidade reunida para sua discussão, os meios agem como se fossem um espelho onde a comunidade se enxerga sob uma nova luz (BORDENAVE, 2001, p. 95).

O jornalismo comunitário, hoje, preenche as lacunas que a imprensa deixa e garante o pensamento coletivo por meio da proposta de ações que transcende o ato de informar, preservando o caráter transformador¹⁰.

¹⁰ SANTOS, Vanessa. **O jornalismo comunitário resgatando a cidadania**: relato de uma experimentação na cidade de Bauru – SP. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista. UNESP. Campus de Bauru. 2001, p. 7

4 O DOCUMENTÁRIO COMO MOBILIZAÇÃO SOCIAL

A definição de que “todo filme é um documentário” é usada por Bill Nichols para representar a realidade das pessoas em meio a uma sociedade. Dividido em documentários de satisfação de desejos e documentários de representação social, o produto tem sempre o mesmo objetivo: contar histórias.

O primeiro, mais conhecido como “ficção”, tem o propósito de materializar os frutos da imaginação e deixam à mercê do receptor a adesão de ideias e verdades. Ele é capaz de levar a um mundo nunca antes visto e propõe o desafio de explorar as inúmeras possibilidades que detém. Já o segundo, propriamente dito “não ficção”, expõe novas visões a partir da realidade social para que possam ser exploradas e compreendidas. O documentário “Echo – Vozes das Ruas” está contextualizado na segunda opção, afinal, faz um recorte da realidade de uma população marginalizada e que constantemente passa despercebida aos olhos da sociedade.

Apesar de os tipos de documentários terem finalidades diferentes, ambos possuem um pilar em comum: a crença. Ela é utilizada nos documentários, já que desejam causar um impacto “no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outro” (NICHOLS, 2013, p. 27).

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. [...] Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2013, p. 27).

A indústria cinematográfica se originou e desenvolveu documentando fatos. Em meados de 1895, o homem percebeu que a arte poderia ser captada por meio dos sentimentos e encontrou no cinema a possibilidade de representá-los de forma interdisciplinar e educadora.

O filme realiza de fato uma ilusão ótica, através da frequência do movimento. Como o olho humano retém a imagem durante fração de segundos forma-se a ilusão do movimento. Através destas técnicas, pode-se contar histórias, educar, doutrinar, influenciar as pessoas

para seu crescimento ou mesmo para dominá-las (WAGNER, 2012, p. 21).

A tecnologia, então, começou a invadir os caminhos do cinema. Os irmãos Lumière filmaram e exibiram as primeiras cenas onde os fatos da vida cotidiana eram representados por meio de um cinematógrafo¹¹. No ano de 1920, período onde a cultura pode se expressar mais livremente, o cinema passou por uma transformação influenciada pelos movimentos vanguardistas e originou o estilo documentário. Um dos documentaristas mais famosos, Dziga Vertov, produziu “O Homem com a Câmera” e trouxe para o universo cinematográfico uma nova vertente: o “cine-olho”, onde um mundo sem segredos e interferências é revelado.

Assemelha-se, então, ao modo dramático, com argumentos sendo expostos na forma de diálogos. O mundo parece poder falar por si, e a fala do mundo, a fala das pessoas, é predominantemente dialógica. A tendência mais participativa do cinema direto/verdade introduz no mercado uma nova maneira de enunciar: a entrevista ou depoimento. As asserções continuam dialógicas, mas são provocadas pelo cineasta (RAMOS, 2008, p. 23).

A experimentação poética acompanhou as vanguardas modernistas e foi crucial para o aparecimento de uma voz: a visão do cineasta tornou-se o alicerce do produto e a câmera passou a registrar fielmente os acontecimentos. Vertov, em “O Homem com a Câmera”, e o americano Robert Flaherty, com “Nanook”, adotaram uma voz mais poética, mas com caráter reflexivo, expositivo e analítico.

No documentário “Echo – Vozes das Ruas”, a ideia de Vertov foi inspiradora, já que ele é composto de diálogos e vozes que dificilmente sobressaem aos ruídos do cotidiano de uma zona urbana. Expressar os problemas da sociedade e propor uma solução é o principalmente objetivo. Por isso o produto não se limita somente aos depoimentos da população de rua, mas dá espaço as instituições que já desenvolvem um trabalho de auxílio e recuperação.

Os documentários têm o poder de perceber questões que são oportunas, mas que ainda necessitam de atenção e ação, porém o que os diferem das produções filmográficas é que, além de revelar os problemas, propõe uma solução. Entretanto,

¹¹ De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, é um aparelho com que, por meio de fotografia, cenas animadas são reproduzidas. A ferramenta constitui o marco inicial da história do cinema.

para que o produto obtenha o resultado pretendido, é necessária uma pré-produção afinada em planejamento, pesquisa e roteiros pontuais juntamente com uma pós-produção que seja compatível com a identidade pré-estabelecida. Deste modo, o filme será um instrumento magnífico no que tange a expressão de emoções e significados.

É crucial ressaltar que há várias formas de executar um produto, provando que o processo de fazer um documentário não é inerte e monótono. De acordo com Nichols, no documentário existem seis formas de representação:

- Expositivo: detém questões do mundo e as aborda de forma argumentativa. A estética não é a preocupação principal e trata os assuntos de forma objetiva.
- Observativo: o autor não interfere na realidade e busca retratá-la exatamente como acontece. Os fatos são registrados e documentados de forma a evitar a encenação.
- Participativo: traços e opiniões do documentarista são estampados na produção. Comumente o autor interage com os entrevistados a fim de manifestar reações premeditadas.
- Performático: totalmente inspirado pelo movimento vanguardista, a estética é primordial para uma produção impecável. As técnicas cinematográficas são utilizadas de forma livre.
- Poético: se preocupa com a subjetividade e com a estética. Os fatos são abordados de acordo com a visão do documentarista.
- Reflexivo: problematiza uma situação e leva o receptor a pensar sobre ela.

No documentário proposto, “Echo – Vozes das Ruas”, três representações serão utilizadas a fim de despertar no público o interesse para o assunto e cumprir com o objetivo inicial do produto:

- Expositivo, pois agrupa fragmentos do cotidiano da população de rua, como os preconceitos que sofre, a violência à que está submetida e a discriminação por parte da sociedade atual;

- Participativo, afinal, para que o documentário fosse produzido, a inserção no meio dos moradores de rua foi pontual na elaboração de um pensamento calcado no social e um produto que representasse a situação do grupo;
- E, por fim, reflexivo, já que expõe um problema que é real e que comumente é negligenciado pelas autoridades, instigando o receptor a questionar e, conseqüentemente, refletir sobre uma solução.

5 METODOLOGIA DE PRODUÇÃO

O período de produção é responsável por dar vida e forma ao documentário. Além de exigir atenção e sensibilidade do cineasta, a produção começa com a escolha do tema e percorre várias etapas até chegar ao objetivo proposto logo no início do projeto.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A ideia do documentário pode tanto partir dos desejos pessoais do autor quanto de iniciativas empresariais e institucionais. De acordo com Puccini (2009), a proposta é o cartão de visita do idealizador e deve ser criada a fim de conquistar apoio e patrocínio. A proposta (proposta) “é uma peça de venda. Documentários são produções caras. Os investidores têm de estar convencidos de que os benefícios trazidos pelo filme justificarão seu custo de produção” (HAMPE, 1997, p. 126).

Após a escolha do tema, é hora de iniciar a pesquisa, a qual deve ser feita cuidadosamente, já que por meio dela tudo o que é dramático, atraente e interessante será descoberto (ROSENTHAL, 1996). Essa etapa da produção documentária abarca quatro tipos de fonte:

1. Material impresso: encontrado em livros, periódicos e artigos;
2. Material de arquivo: frequentemente utilizado por cineastas, fotos, arquivos de som e filmes podem ser utilizados como ilustração visual;
3. Entrevistas: caracteriza o primeiro contato entre personagens e documentaristas. Esse tipo de fonte é útil para avaliar os participantes do produto e identificar problemas que poderão ocorrer durante a produção do documentário;
4. Pesquisa de campo: auxilia na familiarização do assunto e das locações, ajudando a prevenir possíveis imprevistos técnicos.

Antes de estabelecer um roteiro, é necessário passar por três fases. A primeira limita-se a ideia central do documentário (*storyline*), que deve ser resumida em poucas linhas. A segunda é a sinopse, a qual se assemelha ao argumento, e

“trata-se de um resumo da história com início, desenvolvimento e resolução” (PUCCINI, 2009, p. 36). Já a última, tratamento/escaleta, descreve as cenas que irão compor o conteúdo da história e organiza a estrutura narrativa do roteiro.

O segredo de todo documentário é escolher personagens fortes, “que vivam situações de risco, conflituosas, que enfrentam obstáculos para atingir uma meta, e que consigam superar esses obstáculos” (PUCCINI, 2009, p. 39), esse tipo de situação causa empatia e prende a atenção do público. A história de um personagem é tão impactante que, inclusive, existem documentários conhecido como *talking heads* onde somente o arranjo das entrevistas é suficiente para se construir um enredo (PUCCINI, 2009).

Após passar por todas as fases e fazer as coletas de dados necessárias, é hora de dar início ao roteiro. A estrutura discursiva deve ter a descrição detalhada das cenas e possuir início, meio e fim. O roteirista, primeiramente, precisa apresentar o assunto ao receptor a fim de prender sua atenção.

Você tem que conquistar a atenção do leitor imediatamente. Não há tempo para vagar a esmo à procura de sua história. Se você não envolveu o leitor na história ao longo das primeiras dez páginas, você o perdeu. Você tem que estabelecer três elementos importantes nessas primeiras dez páginas:

Número um: Quem é o personagem principal – sobre quem é sua história? Número dois: Qual é a premissa dramática – sobre o que é a sua história? Número três: Qual é a situação dramática – quais circunstâncias em torno da ação? (FIELD, 1996, p. 86).

O meio, mais conhecido como desenvolvimento do assunto, deve manter o interesse do receptor. As complicações dos problemas precisam ser expostas a fim de instigar a curiosidade do público e incentivar a procura por algo que possa resolver a situação.

Em *Ônibus 174*, de José Padilha, o desenvolvimento serve para construir o personagem Sandro. Se a grande imprensa brasileira optou por uma personagem tipificado, o vilão ou algo, no documentário de Padilha, Sandro recebe um tratamento mais profundo. Não é apenas o algoz do sequestro do ônibus 174, mas também vítima de sua condição social. O depoimento de um policial que participou da operação do ônibus 174 lança a questão: “Quem é Sandro?” (PUCCINI, 2009, p. 55).

O fim, em filmes ficcionais, é responsável por dar uma solução a história, porém, documentários vão muito mais a fundo e muitas vezes os conflitos podem não ser resolvidos, indagando o receptor sobre qual atitude ele deveria tomar após conhecer uma nova vertente da situação. Ainda citando o documentário “Ônibus 174”, a morte de Sandro não representa a solução de um problema, pois os problemas sociais abordados no produto vão muito além do sequestro do coletivo (PUCCINI, 2009).

5.2 PRODUÇÃO

A filmagem é o principal processo de produção de um documentário. Ela é responsável pela surpresa do contato audiovisual que todo filme proporciona. De acordo com Puccini (2009), a escolha do local em que as entrevistas irão ser filmadas, interferem no planejamento. “Escolhas aparentemente menos importantes, como o local de uma entrevista ou o posicionamento do entrevistado diante da câmera, são decisivas para a leitura do documentário” (PUCCINI, 2009, p. 67).

Para se filmar uma entrevista, existem três enquadramentos muito utilizados e que podem ser variados entre eles: plano médio, primeiro plano e o *close-up*. “Normalmente, a filmagem se inicia com um plano aberto: plano inteiro ou médio” (PUCCINI, 2009, p. 68) e os enquadramentos são intercalados de acordo com a sensibilidade do entrevistador. Em momentos de impacto ou frases marcantes, o cinegrafista pode optar pelo plano mais próximo, comumente conhecido por *close-up*, onde emoções faciais e expressões visuais são registradas.

O olhar também é fortemente focado em documentários de entrevista e este, segundo Puccini (2009) é conduzido pela posição em que o entrevistador se encontra.

Dependendo da situação de filmagem e do assunto, essa orientação pode propiciar um tom mais intimista à entrevista. Um olhar que segue várias direções remete a uma conversa com várias pessoas ao redor, mesmo que essas vozes extracampo não sejam ouvidas, situação típica das entrevistas coletivas. Em alguns casos, o entrevistado pode ter a tendência de olhar para a câmera durante seu depoimento, o que implica essa comunicação direta não com o entrevistador, mas com o espectador do filme. Essa tendência de olhar para a câmera é resultado da influência de modo de comunicação mais usual na televisão, utilizado em telejornais, programas de auditório e variedades (PUCCINI, 2009, p. 69).

Segundo Puccini, a escolha do local para a entrevista, também é determinante na produção do documentário. O ambiente, seja ele interno ou externo, pode interferir no comportamento do entrevistado, fazendo com que ele perca a sensação de diálogo e sinta-se desconfortável com o que encontra ao seu redor. A composição do fundo também pode definir o senso estético do documentário, a qual é “determinada por fatores de luz, composição do quadro e também pela carga de informação visual sobre o entrevistado” (PUCCINI, 2009, p. 70).

Após captar todas os planos, tomadas e depoimentos necessários para a composição documental, é o momento de dar início ao processo de montagem e, assim, começar a dar forma ao produto.

5.3 PÓS-PRODUÇÃO: O TOQUE ARTÍSTICO DO PRODUTO

O processo de montagem representa um período em que o documentarista tem liberdade para criar tanto esteticamente quanto narrativamente. Aqui, um roteiro pré-redigido é importante, já que ele facilita todo o trabalho ao estabelecer enredo e sequência e economiza tempo.

O processo cinematográfico possui três etapas para se chegar a um objetivo artístico: o roteiro, a realização e a articulação (pós-produção). Todas essas etapas estão implicadas com a montagem. [...] Na prática, não existe filme sem roteiro e esse roteiro pode ser manifesto de formas diversas. Quando Glauber Rocha dizia: “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, tem-se nessa reflexão dois momentos claros: a câmera que remete à realização, e a ideia ao roteiro.” (LEONE, 2005, p. 24).

Todos os materiais coletados, sejam eles de arquivo ou entrevistas, precisam se encaixar em uma estrutura com começo, meio e fim. Assim, se inicia o trabalho de seleção e montagem, onde as imagens com mais impacto são separadas para compor o produto. No material selecionado “podem se acrescentar sequências formadas por animações gráficas, que incluem cartelas de textos, e imagens em *still*, como fotografias e documento”, porém, a escolha do tipo de sequência depende do filme.

O documentário direto normalmente dá ênfase às sequências de ação, em que vemos os personagens executando algum tipo de performance não encenada diante das câmeras. O documentário

verdade trabalha mais com a interação entre o documentarista e o universo abordado, que ocorre preferencialmente em situação de entrevista. O documentário clássico utiliza com frequência sequências montadas com material de arquivo, normalmente acompanhadas por uma explanação feita por uma voz over (PUCCINI, 2009, p. 102).

A etapa da decupagem das entrevistas é aconselhável em documentários que utilizam deste recurso, assim, a criação de um trecho que envolve imagens de arquivo se torna muito mais fácil. A transcrição não precisa ser detalhada, ela pode resumir a fala do entrevistado e deve vir acompanhada de indicação de tempo, a fim de organizar a edição, conforme ilustrado na figura 1. De acordo com Michel Rabiger, a parte do momento que as transcrições mais importantes são separadas, o roteirista consegue ter uma visão melhor do material a ser montado.

Número da fita: 0101
Título: Entrevista com Luis Oliveira de Sousa (Pastor Luis)
Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	Out					
00:00:05	00:00:23	Enquadramento da Praia Gorda.				
00:00:23	00:02:35	Pastor Luís em destaque. Tomada em plano americano, na praia, com morro coberto por vegetação, ao fundo.	Pastor Luís explica que a Praia Gorda foi um importante reservatório de víveres para os escravos libertos da região. Derivando-se daí o nome do lugar.	ME		
00:02:35	00:03:15	Idem.	Pastor Luís afirma que a Praia Gorda serviu como ponto desembarque do tráfico ilegal de escravos.	MT		

Figura 1 – Exemplo Ficha de Decupagem

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **História**, c1999-2014. Site da área de história. Disponível em <http://www.historia.uff.br/jongos/acervo/adm/files/acervo_ficha_decupagem_0101.pdf>. Acesso em: 7 out. 2014.

Após selecionar o material e decupar as entrevistas, dá-se início a formatação do roteiro de edição. Nele, é necessário estipular uma linha narrativa para ser seguida, a qual “serve não só para orientar o espectador, como também para orientar o diretor e editor do filme durante o processo de montagem” (PUCCINI, 2009, p. 104).

É a montagem que dá forma ao material, transformando-o em um produto apto para exibição e propulsão do conhecimento. O corte dá velocidade à narrativa, ele é imposto pelo diretor para interromper determinada cena e é capaz de dar a sensação de mudança de tempo¹². Durante a montagem, também é possível a inserção de efeitos especiais e gráficos, aspectos que proporcionam a identidade visual do documentário. As correções de imagens, como alteração de cor, e sons também são recursos que ajudam no sucesso do produto audiovisual.

¹² PUCCINI, S. **Roteiro de documentário – da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papirus, 2009, p. 99

6 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

O processo produtivo de um documentário não é tão simples quanto um aventureiro possa imaginar. Ele demanda tempo, dedicação e sensibilidade, tópicos que comumente podem se perder caso não seja estabelecido um foco durante a pré-produção. Antes mesmo de dar início ao processo produtivo, a escolha do tema é crucial. Optar por um assunto que vá de encontro com o gosto do documentarista, aumenta a probabilidade de não desanimar perante os intemperes que surgirão ao decorrer da produção.

6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

6.1.1 A escolha do tema

O documentário “Echo – Vozes das Ruas” reflete um tema muito debatido durante a minha carreira acadêmica. A vida dos moradores de rua e o porquê eles foram parar em tal situação foram o pilar de muitas atividades universitárias.

O meu primeiro trabalho foi inesquecível, uma reportagem radiofônica em que abordei a situação atual da população de rua bauruense e conclui com uma sonora que representou a angustiação que eu tanto almejei: “mas tudo o que eu quero é voltar para a minha família, que saudade que eu tenho disso”. A frase reafirmou a minha visão de que, apesar de grande parte dos indivíduos estarem na rua por conta de suas próprias escolhas, desejam ter uma vida mais digna, livre de preconceitos e norteadas de um pilar que também tem se perdido na sociedade: o papel da família.

A família é um espaço em que as máscaras devem dar lugar à transparência, sem o uso de disfarces. O diálogo não tem preço. A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família. É essa a célula-mãe da sociedade, em que conflitos necessários não destroem o ambiente saudável. Ela tem a missão de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais (CHALITA, 2001, p. 23).

Em 2013, o Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS) desenvolveu para a prefeitura do Rio de Janeiro uma pesquisa¹³ que tinha como objetivo desvendar as principais razões que levam uma pessoa a escolher as ruas a fim de desenvolver políticas públicas em prol da sua recuperação. O trabalho foi dividido em três fases: contagem da população de rua; análise quantitativa a partir da amostragem; e uma pesquisa qualitativa. O sociólogo Paulo Magalhães, coordenador do Instituto, durante um mês teve conversas baseadas na reflexão sobre as vantagens de viver nas ruas. Ao concluir o seu trabalho, Paulo percebeu que, apesar de haver indivíduos isolados, os moradores de rua vivem em grupos com identidade e territórios estabelecidos, características que comprovam a construção de uma rede de apoio semelhante aos laços familiares.

Se as causas de um problema não são descobertas, buscar alternativas para resolvê-lo se torna muito mais trabalhoso. Certa vez, Albert Einstein, grande cientista, afirmou que se tivesse apenas uma hora para solucionar uma questão e sua vida dependesse disso, 55 minutos seriam exclusivamente para descobri-la e cinco para resolvê-la. Infelizmente, as razões pelas quais um indivíduo vai parar nas ruas ainda são pouco exploradas, portanto a escolha temática do documentário “Echo – Vozes das Ruas” se limita ao cotidiano dos moradores de rua e ao incentivo de práticas públicas e sociais para que essa brecha social seja solucionada.

No documentário proposto para esse trabalho, o objetivo é abordar o cotidiano dos moradores de rua, proporcionando um novo ponto de vista ao receptor, e incentivar políticas públicas e sociais para a recuperação dessa população. O termo “Echo” significa “ecoar” em inglês e foi utilizado para configurar o fato de que no produto a população de rua teve espaço para expor suas principais dificuldades, anseios e falhas por parte da sociedade, angulação respaldada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, onde o artigo 6º assegura os direitos sociais como a educação, a saúde, o trabalho, a moradia e o lazer, tópicos notavelmente ausentes para os moradores de rua.

6.1.2 Coletando dados e histórias

¹³ INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE. **Pesquisa desfaz estereótipos sobre moradores de rua**. IETS, c2013. Disponível em: <<http://www.iets.org.br/noticia/pesquisa-desfaz-estereotipos-sobre-moradores-de-rua>>. Acesso em: 10 out. 2014.

Para que o trabalho fosse desenvolvido de acordo com os conceitos éticos jornalísticos, foram realizadas coletas bibliográficas e de campo e pré-entrevistas a fim de produzir um produto com caráter noticioso, porém social, algo que sensibilizasse o receptor e o levasse a refletir sobre como resolver o problema exposto.

A coleta foi iniciada em 2011, quando foi desenvolvida uma aproximação com os moradores de rua na ânsia de descobrir quem eles realmente eram. A confiança acompanha os degraus de um relacionamento e com a população de rua não foi diferente. O morador de rua tem um perfil que facilita o trabalho: apesar de a confiança estar fragilizada por conta da rejeição e do preconceito, a pessoa em situação de rua sente falta da vida que levava, de ter uma família e um espaço para chamar de “lar”, portanto está mais propenso a abrir brechas para que sua história seja desvendada em troca de atenção e carinho.

Pré-entrevistas marcam o primeiro contato entre documentarista, ou sua equipe de pesquisadores, e os possíveis participantes do documentário. São úteis tanto para fornecer informações, ou aprofundar outras já coletadas, quanto para servir de teste para avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e à articulação verbal do entrevistado (PUCCINI, 2009, p. 23).

Posteriormente, deu-se início ao levantamento bibliográfico. Os livros propostos para leitura durante a graduação foram essenciais para os desenvolvimentos teórico e prático, já que abordam questões voltadas para o jornalismo e incitam a compreensão da prática jornalística. Várias bibliografias, nacionais e internacionais, foram selecionadas acerca da história do jornalismo, conceitos de notícia, definições jornalística, responsabilidade social e, inclusive, fragmentos históricos sobre a população de rua no Brasil. Os livros-reportagens também compuseram a lista bibliográfica para a dissertação do tema, já que eles carregam o pilar de um documentário: assuntos que são abordados em profundidade e que levam o leitor a enxergar o fato por um novo ângulo. Pesquisas de âmbito nacional e sobre a população de rua também serviram de embasamento para enquadrar a questão proposta, já que elas reafirmam uma realidade que já é percebida por muitos: a ausência de investimento em políticas sociais e

educacionais a fim de desmitificar a razão de um ser humano ir morar nas ruas e incentivar práticas de resgate.

6.1.3 Patrocínio

No livro “Roteiro de documentário – da pré-produção a pós-produção”, Sergio Puccini ressalta a importância de conseguir apoio financeiro para a produção de um documentário. Ele alega que “no princípio de toda vontade de produção está a necessidade de conseguir suporte financeiro que a viabilize. Com raras exceções, documentários nascem da parceria entre documentarista (realizador) e produtor (patrocinador)”. No caso do documentário “Echo – Vozes das Ruas”, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso (TCC) e de veiculação social, o apoio financeiro tornou-se desnecessário, já que a universidade proporcionou suporte durante a produção, desde a captação de imagens até a edição.

Além da colaboração da instituição, amigos e familiares auxiliaram no desenvolvimento da identidade visual e também na produção, aspectos que corroboraram com a conclusão do produto.

6.2 AS ENTREVISTAS: DE FRENTE COM UM NOVO MUNDO

O primeiro diálogo com um morador de rua foi desafiador. Como descobrir as verdadeiras necessidades desse indivíduo? Cremilda Medina, sábia escritora e jornalista, ensina a entrevistar e discorre sobre a necessidade de uma conversa sem barreiras para que grandes histórias sejam reveladas. Durante dois anos foi-se necessário desenvolver um relacionamento para que assim personagens fossem descobertas e escolhidas.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes dos jogos da entrevista interagem, se modificam, se

revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios (MEDINA, 2008, p. 8).

A primeira entrevista foi feita no segundo semestre de 2012 com Roberta, uma moradora de rua que carregava todo o peso de um relacionamento mal sucedido. Na rua há seis meses, Roberta contou que apanhava muito do marido e que o estopim foi quando ele a agrediu com um cabo de vassoura enquanto estava com seu filho de um ano no colo. Assim, ela resolveu sair de casa e na rua constituiu uma nova família, mas também começou a consumir álcool e crack, vícios que impossibilitaram sua participação no produto em questão, já que se encontrava em uma fase muito crítica. Além dela, também conversei com outros moradores, experiências que me proporcionaram um amadurecimento profissional e emocional e me ajudaram a identificar pontos do diálogo que eu precisava melhorar para extrair do entrevistado as informações necessárias.

As personagens que compõem o documentário: Seo Francisco, Peterson e Cesar foram encontrados com o auxílio da Secretaria de Bem-Estar Social. Como a intenção do documentário é incentivar as práticas sociais, a participação de alguém que tenha saído das ruas e conseguido se reerguer na vida foi de suma importância.

Uma das estratégias para manter o interesse do espectador é fazer com que o filme seja conduzido por personagens fortes, que vivam situações de risco, conflituosas, que enfrentem obstáculos para atingir uma meta, e que consigam superar esses obstáculos. A receita busca o efeito de empatia entre o personagem e o espectador, o que acontece quando este passa a sentir as dores e os infortúnios do personagem (PUCCINI, 2009, p. 39).

O primeiro contato com Seo Francisco foi ao telefone, onde a entrevista prévia foi feita. Pelo aparelho, ele contou brevemente sua vida e marcamos nosso encontro oficial. Durante toda a gravação, tentei mantê-lo a vontade e comecei com perguntas de tons curiosos. O espaço também auxiliou bastante para deixar Seo Francisco mais tranquilo, já que era um ambiente com que ele estava acostumado: o seu local de trabalho.

Eduardo Coutinho, um dos mais importantes documentaristas brasileiros, encontra na entrevista com o personagem uma oportunidade de desenvolver uma relação e fazer dele um personagem único (PUCCINI, 2009). Deixar o entrevistado confortável e demonstrar que ele pode confiar no seu profissionalismo são dois itens

cruciais para o desenvolvimento de um diálogo e assim obter frases e declarações emocionantes e de profundidade. O sentimento também não pode ser deixado de lado, claro que deve haver um controle, mas o entrevistado precisa perceber que o jornalista está envolvido com a história e que aquela é a oportunidade que ele tem para ecoar sua voz.

Para as entrevistas, foi elaborado um roteiro de perguntas que se resumia em: i) qual o seu nome e há quanto tempo está na rua?; ii) por que foi parar nas ruas?; iii) como é a vida na rua?; iv) qual foi o momento mais traumatizante?; v) como você sente que a sociedade se comporta perante sua condição de vida?; vi) do que você mais sente falta?; vii) qual seu sonho?; viii) o que você deixaria de mensagem para o mundo?. Porém, durante as conversas, o cronograma de perguntas por vezes foi modificado, já que o objetivo de uma entrevista é realmente desenvolver um diálogo e não se caracterizar um interrogatório, extraindo assim, trechos úteis à estrutura do documentário.

6.3 IMAGENS QUE COMPLEMENTAM

A ideia do documentário proposta é mostrar a realidade, sem interferências ou manipulações, revelando o sentimento de seres humanos à margem da sociedade. Portanto, optou-se pela estruturação de um produto baseado em entrevistas e imagens que complementem as falas.

O processo de captação começou em meados de 2012. Após ter conhecido e acompanhado a Triagem Noturna de Bauru, trabalho realizado pela Secretaria de Bem-Estar Social, foi agendada uma segunda visita. As ações do grupo facilitaram o registro de cenas que são comumente vistas durante a madrugada nas ruas da cidade: pessoas em situação de rua abandonadas e rendidas ao vício do crack e do álcool¹⁴.

Os enquadramentos se limitaram a simplicidade do plano médio e do *close-up*, recurso utilizado em momentos de falas impactantes, a fim de captar o

¹⁴ A cena mais impactante – e que foi utilizada no documentário – é a de uma mulher em coma alcóolico. Naquela noite, lembro-me bem, logo que a encontramos, acionamos o SAMU. O serviço demorou duas horas para chegar e prestar socorro àquela mulher, fato que reforçou o pensamento de que a negligência é por parte da sociedade em geral e não somente dos civis.

sentimento no olhar do entrevistando, registrando, também, expressões e detalhes emocionantes.

Com o avançar da entrevista, principalmente em seus momentos mais delicados ou intimistas, é comum a adoção de planos mais próximos, que se fecham no rosto do entrevistado. [...] A variação de enquadramentos cria também uma maior dinâmica visual para o documentário, dinâmica muitas vezes usada para combater a monotonia de uma entrevista longa tomada em plano único sem variação de enquadramentos (PUCCINI, 2009, p. 68).

Além dos enquadramentos, é necessário pensar no plano de fundo. O ambiente faz parte da estética documental e pode ser facilmente conectado com a mensagem que se deseja passar ao espectador. No caso do Seo Francisco, optou-se por utilizar o seu ambiente de trabalho como cenário, afinal, a cooperativa de reciclagem representa, em âmbitos semióticos¹⁵, a rejeição sofrida pela população de rua. Em relação ao Cesar e ao Peterson, os fundos neutros serviram para focar toda a atenção nas expressões faciais das personagens.

6.4 APRESENTANDO O PROBLEMA AO MUNDO: ROTEIRO E TRATAMENTO

O produto “Echo – Vozes das Ruas” se enquadra em um documentário de questões sociais onde toda a estrutura do filme é organizada para apresentar o problema e transformá-lo em interesse público a fim de resolvê-lo.

O roteiro é responsável pela organização da montagem de um documentário, ele que dá forma a edição e conduz o espectador numa viagem em meio as cenas dramáticas e envolventes. Antes de dar início a redação do roteiro, é necessário decupar as entrevistas coletadas.

Em documentários que se utilizam de entrevistas como recurso para a condução do tema, a transcrição destas no papel é sempre aconselhável. Essa transcrição pode ser feita de maneira detalhada, palavra por palavra, ou se contentar com a anotação de tópicos que resumam o assunto de cada parte (PUCCINI, 2009, p. 102).

¹⁵ A semiótica ou a semiologia é o estudo dos signos. Ela analisa os fenômenos como se todos tivessem um significado mais profundo.

No documentário “Echo – Vozes das Ruas”, foram realizadas cinco entrevistas divididas entre moradores de rua e especialistas. Por não serem carregadas de detalhes imagéticos, optou-se pelo método de decupagem mais simples, o qual resume-se em redigir superficialmente o que o entrevistado diz. Uma tabela de quatro colunas foi desenhada e cada uma teve uma nomeação diferente: *time code in*, *time code out*, vídeo e áudio. O processo de decupagem “serve apenas como uma base para que se possa pensar nas sequências de imagens que serão intercaladas ou sobrepostas às entrevistas” (PUCCINI, 2009, p. 102).

A sensibilidade foi indispensável na elaboração do roteiro do documentário em questão. Por ser baseado em entrevistas, o enredo precisou ser elaborado de forma impecável a fim de prender a atenção do receptor. O romantismo, a preocupação com o outro, o espaço para voz e a proposta de uma solução, no caso o investimento em ações sociais, estiveram presentes em toda a estrutura narrativa. Seo Francisco foi escolhido como personagem principal e o resumo de sua história ficou responsável por dar abertura ao filme, já que essa é a parte responsável por prender a atenção do receptor.

[..] o início do filme deve “expor o tema, levantar uma questão ou apresentar algo novo ou inesperado”. Nessa breve apresentação do tema, o documentarista deve informar “o problema com o qual o documentário lida, as principais pessoas envolvidas – e o que mais o espectador necessitar saber para que o documentário siga adiante” (PUCCINI, 2009, p. 52).

Em contrapartida às entrevistas, que não tiveram interferência do documentarista, as imagens e a trilha sonora foram tratadas de forma a causar impacto e sensibilizar o espectador. O contraste das cores e a predominância do preto e do branco, passaram a mensagem proposta e ainda deixaram o filme com um aspecto que remete a sobriedade das ruas. As cortinas e os créditos seguiram a mesma proposta e compuseram uma identidade visual mais simples, preservando o foco nas histórias.

6.5 A ESCOLHA DA PLATAFORMA

O produto final tem como público toda a população brasileira, já que o problema se expande por todo território nacional, e será disponibilizado no YouTube, plataforma online, democrática e de fácil acesso.

De acordo com o Ibope Media¹⁶, existem 105 milhões de internautas em território Nacional e o Brasil já é considerado o 5º país com o maior número de conexões à internet. Segundo estatística do próprio YouTube¹⁷, mais de um bilhão de usuários únicos acessam a plataforma todos os meses e mais de seis bilhões de horas de vídeo são assistidas por mês.

Na internet, o usuário detém o poder sobre o que lê, assiste ou ouve. Se algo não é capaz de prender sua atenção nos primeiros minutos ou é muito longo, a probabilidade de o usuário continuar focado, diminui. Portanto, o documentário “Echo – Vozes das Ruas” foi produzido com aproximadamente 15 minutos, tempo considerado suficiente em termo de meios digitais para informar e surpreender.

O produto final será postado em um canal já existente chamado “Echo the Love”¹⁸. A página é fruto de um projeto já existente que tem como objetivo transmitir mensagens de bondade e amor que inspirem as pessoas a fazerem o mesmo e comecem a enxergar a vida sob uma perspectiva diferente. O produto desenvolvido ainda pode ser veiculado por meio das redes sociais em Fan Pages que já desenvolvem atividades de conscientização sobre a vida dos moradores de ruas, como, por exemplo, a “SP Invisível”¹⁹.

O “Echo the Love” também serviu de inspiração para a produção do documentário em questão e ainda há a expectativa de dar continuidade ao trabalho, buscando investimentos por parte de patrocinadores para, em uma futura especialização, transformar o produto proposto em algo mais interativo e arrojado, seguindo as tendências midiáticas.

6.6 AS DIFICULDADES

16 TO BE GUARANI. **To be guarani**, c2014. Disponível em:

<<http://tobeguarany.com/internet-no-brasil/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

17 YOUTUBE. **YouTube**, c2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

18 Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/canalechothelove>>

19 Disponível em: <<https://www.facebook.com/spinvisivel>>

Como nas facetas da vida e em todo trabalho desenvolvido, o processo de produção de um documentário também é circundado de empecilhos e contratempos. Durante o desenvolvimento, vários fatores influenciaram o resultado do produto.

A dificuldade mais notória foi o fato da efetivação da autora deste trabalho em um veículo de comunicação de Bauru. Antes, quando estagiária, a carga horária de trabalho era de apenas seis horas por dia e o tempo restante era dividido entre ajudar na empresa da família e o Trabalho de Conclusão de Curso. Após a contratação, toda a rotina mudou: a carga horária profissional passou a ser de oito horas por dia e, pelo menos, um final de semana por mês. Em razão disso, o cronograma de produção foi diversas vezes alterado.

A falta de flexibilidade nos horários contribuiu com o amadurecimento profissional, já que em determinados momentos, as captações foram realizadas individualmente. Esse momento, aguçou ainda mais a visão da autora para a parte estética e emocional do documentário, facilitando ainda na elaboração do roteiro.

Durante todo o processo de produção a lição foi de não encarar o tempo como um aspecto negativo, mas fazer dele o principal aliado, já que os cronogramas acadêmico, pessoal e profissional precisaram ser mais rigorosos. Os segundos e minutos, são medidas importantes durante o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso e devem ser valorizados e analisados de diversas perspectivas, a fim de multiplica-los.

Outra dificuldade relevante e que deve ser apontada neste trabalho, foi o fato de alguns moradores de rua não permitirem a filmagem, portanto, estratégias de captação foram necessárias, como a cena em que uma moradora de rua lava o para-brisa do carro. Como ela já não havia autorizado sua imagem, optou-se por utilizar um carro, parar no semáforo e permitir que ela lavasse a parte frontal do veículo. A cena deu sentido e ilustrou como é o dia-a-dia de alguns moradores.

Apesar de toda dificuldade, vale acrescentar que o objetivo inicial foi atingido graças ao auxílio por parte do editor, Yuri Kufa, e ao amadurecimento profissional da autora. A produção do documentário “Echo – Vozes das Ruas”, além de provar que o investimento em atividades sociais é válido, demonstrou que quando o processo é realizado em equipe, o produto final tem mais qualidade, conceito que deve ser fomentado, principalmente em meio ao jornalismo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É comum ingressar na graduação jornalística com a ânsia de querer mudar o mundo. Mais comum ainda é ver os valores se deturparem diante de uma sociedade circundada pelo dinheiro e pela valorização do que é material. É raro o jornalismo comunitário, naquele em que o indivíduo se preocupa com o bem do próximo e com o exercício da igualdade e justiça. A população de rua se encaixa exatamente nesse contexto.

A história de vida dos moradores de rua serve como parâmetro para a reflexão sobre o verdadeiro papel do jornalismo atual. Medina (1988) afirma que a notícia é um produto à venda, ou seja, é uma mercadoria que poderia ser trocada por dinheiro, ou qualquer outro bem material. Na contramão dessa afirmação, há autores, como Pena (2008) e Meditsch (1992), cujos estudos voltam-se para uma vertente jornalística conhecida, mas pouco praticada, o jornalismo comunitário.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho foi desenvolver um documentário que explicita o cotidiano dos moradores de rua, por entender que, como população às margens da sociedade, tem pouco espaço para que sua voz seja ouvida. Com o processo de produção finalizado, o documentário “Echo – Vozes da Rua” cumpriu o objetivo proposto e, além disso, ultrapassou os conhecimentos e barreiras acadêmicas, transformando a visão de mundo da autora deste projeto. O trabalho foi árduo, mas a prática do jornalismo real e íntegro foi colocada em prática de forma extremamente gratificante. Ver o sorriso estampado no rosto de cada pessoa em situação de rua entrevista trouxe aconchego e recompensou todas as noites em claro na expectativa de produzir um produto que, além de levar informação, tivesse significado.

O âmbito universitário tem a capacidade de proporcionar ao graduando de jornalismo conhecer o que é “ser jornalista” antes de ingressar no mercado profissional. Ver em cada atividade prática a oportunidade de exercer o seu papel e dar voz a seres humanos tão marginalizados e – porque não? – generalizados. Como é notório no documentário “Echo – Vozes das Ruas”, um ser humano não chega até as ruas porque quer, mas por uma série de fatores que acabam desiludindo-o, afastando-o da realidade e deixando-o propenso aos vícios do crack e do álcool.

Portanto, este trabalho é prova concreta de que o exercício do jornalismo social e comunitário é possível e palpável mesmo em meio a uma sociedade que exalta o sistema capitalista. Todo ser humano tem uma história e toda história merece ser contada.

REFERÊNCIAS

- ARMITAGE, João. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1934.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica** – História da Imprensa Brasileira. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos Meios e Mensagens: Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BURSZTYN, Marcel. (Org). **No meio da rua** – nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.
- CINEMATÓGRAFO. In: **DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Priberam**, c2013. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/cinemat%C3%B3grafo>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- CYTRYNBUM, Alicia. **Periodismo social**: uma nueva disciplina. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- FERREIRA, Frederico. **População em Situação de Rua**: conceitos e mensurações. In: II ENCONTRO NACIONAL DE PRODUTORES E USUÁRIOS DE INFORMAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS E TERRITORIAIS, 2006, Rio de Janeiro. Documento apresentado para discussão... Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/confest_e_confefe/pesquisa_trabalhos/arquivosPDF/L714_02.pdf>. Acesso em: 05/08/2014
- FIELD, Syd. **Os exercícios do roteirista**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- HAMPE, Barry. **Making documentary films and reality vídeos**. Nova York: Henry Holt and Company, 1997.

INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE. **Pesquisa desfaz estereótipos sobre moradores de rua**. IETS, c2013. Disponível em: <<http://www.iets.org.br/noticia/pesquisa-desfaz-estereotipos-sobre-moradores-de-rua>>. Acesso em: 10 out. 2014.

JOSÉ DA COSTA, Hipólito. **Hipólito José da Costa e a imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1974. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1285840.pdf>. Acesso em 14 abr. 2014.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul. São Paulo: Edusp, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2009.

LEONE, Eduardo. **Reflexões sobre a montagem cinematográfica**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MARQUES DE MELO, José. **História do jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **História Social da Imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=ZhRLHdvwNjoC&pg=PA87&dq=imprensa+brasil&hl=pt-BR&sa=X&ei=UcE8U53zEeaL0QHntYG4DA&ved=0CGEQ6AEwCQ#v=onepage&q=imprensa%20brasil&f=false>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

MCQUAIL, Denis. **Mass Communication Theory**. London: Sage Publications of London, 1994.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista – O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

NICHOLS, Bill. **Introdução do Documentário**. Campinas: Papirus, 2013.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus Editora, 2009.

RAMOS, Fernão. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo: SENAC, 2008.

ROSENTHAL, Alan. **New challenges for documentar**. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 1996.

SANTOS, Vanessa. **O jornalismo comunitário resgatando a cidadania**: relato de uma experimentação na cidade de Bauru – SP. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista. UNESP, Campus de Bauru, 2001.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia**. São Paulo: Loyola, 2005.

SILVEIRA, F. **Censo Nacional de População de Rua – Desenvolvimento e Aplicação da Metodologia**. In: SEMINÁRIO SISTEMAS DE PROTEÇÃO SOCIAL - DESAFIOS NO CONTEXTO LATINOAMERICANO, 2009, Brasília. Apresentações... Brasil: 2007. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/eventos/assistencia-social/seminario-sistemas-de-protecao-social-2013-desafios-no-contexto-latinoamericano/arquivos/apresentacoes/painel_3.2_-_flavio_silveira.pdf/download>. Acesso em: 06 set. 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STRELOW, Aline. **O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil**: 2000 a 2010. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

TAVARES, Elaine. **Entrevista especial com Elaine Tavares**, Rio Grande do Sul, 25 abril 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/508771-o-jornalismo-pode-ser-transformador-pode-embalar-a-utopia-entrevista-especial-com-elaine-tavares>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

TO BE GUARANI. **To be guarani**, c2014. Disponível em: <<http://tobeguarany.com/internet-no-brasil/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. São Paulo: Insular, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **História**, c1999-2014. Site da área de história. Disponível em <http://www.historia.uff.br/jongos/acervo/adm/files/acervo_ficha_decupagem_0101.pdf>. Acesso em 07 out. 2014.

WAGNER, Antônio. **Cinema**: a arte de disciplinar. 2012. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Mídias na Educação) – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

YOUTUBE. **YouTube**, c2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

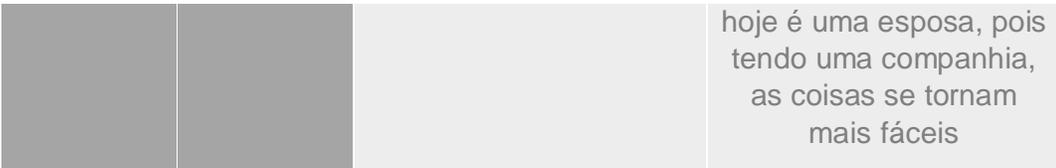
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Exemplo de ficha de decupagem.....	30
---	----

APÊNDICE B – DECUPAGEM ENTREVISTA SEO FRANCISCO

Título: entrevista com Seo Francisco Definição: ex-morador de rua Duração: 28'20''			
TIME CODE		VÍDEO	ÁUDIO
IN	OUT		
00:00:00	00:03:21	Seo Francisco na lateral direita do vídeo	Conta um pouco da infância, lembranças que tem e trabalho, diz que chegou pela primeira vez em Bauru em 1994, foi embora e voltou em 2012 para procurar emprego, afinal tinha um tio aqui
00:03:23	00:04:42	Idem	Diz que não encontrava emprego, pois não tinha lugar fixo para morar e a idade já era avançada. Diz que começou a cozinha na rua, fazer comida na rua, limpar as calçadas.
00:04:42	00:05:19	Idem	Diz que o que marca muito na rua é o frio e já avisa que conforme o lugar que vai dormir, a polícia não deixa
00:05:22	00:06:51	Idem	Diz que nunca foi agredido. Conta que fazia amizade pelos lugares que passava, portanto não sofria tanto. Lembra da menina da igreja, toda vez procurava por ele.
00:06:55	00:07:58	Idem	Conta que a rua é um lugar perigoso, mas que é preciso passar pela experiência que Deus

			propôs, sofrer, sofre mesmo. Diz que só de ver alguém na rua, as pessoas já acham que é mal elemento
00:08:00	00:14:50	Idem	
00:14:51	00:15:26	Idem	Diz que tem sua casa, é pequena, mas para quem morava na rua é excelente.
00:15:44	00:21:42	Diz que bebia, mas não por conta da rua, o vício vinha de antes. Diz que foi para o albergue e conta um pouco da sua experiência. Conta que após o albergue, começou a trabalhar em uma chácara	Conta que foi paralítico até os cinco anos e tudo que queria era ter um começo de novo, um lugar para morar. Agora para frente, é primeiramente Deus, para ver se não fracassa. Conta que passou por muita coisa horrível na vida e nunca desanimou. Conta que não passou fome na rua. O saquinho de arroz era uma bolsa de escola
00:22:21	00:24:25	Idem	Diz que todos devem ser tratados iguais, para Deus não tem diferença nenhuma. Quem tá dentro de uma casa, já tá em um lugar mais ou menos, quem tá na rua, precisa de um lugar especial. Toda pessoa que tá na rua tem um problema, mas eles precisam ser resolvidos.
00:24:25	00:27:40	Idem	Diz que seu sonho é continuar trabalhando, mas o que ele necessita



hoje é uma esposa, pois
tendo uma companhia,
as coisas se tornam
mais fáceis

APÊNDICE C – DECUPAGEM ENTREVISTA PETERSON

Título: entrevista com Peterson Francisco de Souza			
Definição: morador de rua			
Duração: 7'42"			
TIME CODE		VÍDEO	ÁUDIO
IN	OUT		
00:02:04	00:03:39		Conta que dos 14 ao 35 foi usuário de droga, aos 18 anos casou e arrumou um emprego, recaiu e perdeu tudo o que tinha. Diz que voltou para as casas dos pais, a mãe morreu se desestruturou. Conta que ficou um ano preso, depois que saiu o pai não o aceitava por conta das drogas e escolheu morar na rua
00:03:42	00:04:38		Diz que não é fácil a vida na rua, que no começo foi difícil, mas os moradores começaram a ensinar. Diz que tem dificuldade para pedir
00:04:45	00:05:55		Diz que tem três tipos de moradores: os que abandonam a vida, os que pensam no futuro. Diz que são discriminados mesmo quando estão limpos, principalmente quando pedem no farol
00:06:03	00:06:33		Diz que existem pessoas agressivas na rua, conta que para dormir, procurar um lugar distante e discreto,

			com os amigos para um cuidar do outro
00:06:37	00:07:28		Diz que sente falta da esposa e dos filhos, do emprego, da vida que tinha antes. Isso é o que mais o machuca! Diz que são 15 anos de dependência, falou que já tentou duas internações, mas que não vai desistir, tem o sonho de se livrar e conquistar a família de volta

APÊNDICE D – DECUPAGEM ENTREVISTA CESAR

Título: entrevista com Cesar Definição: morador de rua Duração: 8'59"			
TIME CODE		VÍDEO	ÁUDIO
IN	OUT		
00:01:16	00:02:12		Conta como foi parar na rua. Diz que a mãe tinha câncer, ele trabalhava de pintor predial, ganhava bem, porém, no último ano da doença, a mãe ficou super mal e ele abandonou o trabalho para cuidar dela, quando ela faleceu, diz que sua vida desmoronou
00:04:25	00:05:10		Alega que foi parar na rua porque se desestruturou. Fala que por estar na rua, não consegue emprego. Classifica a vida na rua como cruel, diz que todo dia é uma batalha
00:05:15	00:06:27		Diz que o momento mais traumatizante foi quando ele teve pneumonia. Foi super maltratado no hospital, ninguém dava comida e água, até que fugiu do hospital
00:06:32	00:06:49		Diz que sente falta de ter uma vida e que seu maior sonho é deitar numa cama e ter uma casa

00:07:03	00:07:14		“Tratem os outros da mesma forma que você gostaria que te tratassem”
00:08:28	00:08:40		Diz que o ser humano precisa ser mais humano!

APÊNDICE E – DECUPAGEM ENTREVISTA DARLENE

Título: entrevista com Darlene Tendolo			
Definição: Secretária do Bem Estar Social			
Duração: 9'00"			
TIME CODE		VÍDEO	ÁUDIO
IN	OUT		
00'47"	1'23"		Conta como surgiu o trabalho com a pessoa em situação de rua; disse que houve um aprimoramento ao decorrer dos anos para resgatar as pessoas de rua
1'24"	1'54"		Diz sobre uma pesquisa realizada, a qual mostra que um dos principais motivos da pessoa ir para a rua é a desilusão amorosa; e diz que acontece com muita frequência
1'55"	2'12"		Diz que em Bauru existem 152 pessoas em situação de rua, 50 são atendidas pelo Centro POP e o restante em casas de passagem
2'13"	3'03"		Diz que na rua, aumenta-se o risco de doenças como o alcoolismo e o vício em drogas; a pessoa que está na rua, deixa de compreender as regras e se não for resgatado logo, fica ainda mais difícil de compreender essa questão

3'13"	6'20"		<p>Diz sobre os direitos de cidadão, incluindo a órgãos públicos; diz que os impostos devem ser revertidos em bens e serviços de qualidade para que a pessoa seja resgatada; fala sobre as estruturas de Bauru; diz que é um trabalho de resgate complexo</p>
6'21"	7'01"		<p>Diz que no mundo todo tem pessoas que saem andando pelas ruas e não desejam voltar, mágoas que acabam desiludindo; a pessoa está naquela situação porque acaba desiludindo de tudo; o importante é não julgar, a pessoa está naquela condição porque está doente; "enquanto há vida, há a possibilidade de resgate"</p>

APÊNDICE F – DECUPAGEM ENTREVISTA MARIA

Título: entrevista com Maria Definição: psicóloga responsável pela abordagem noturna Duração: 20 minutos			
TIME CODE		VÍDEO	ÁUDIO
IN	OUT		
00:00:00	00:00:47	Maria na lateral direita, sentada em uma cadeira	Fala que existem cerca de 120 moradores de rua em Bauru, dá pequenos detalhes de localização
00:00:54	00:02:13	Idem	Diz que o crack é o principal motivo de as pessoas estarem nas ruas; cita como a droga age; também cita o alcoolismo e problemas familiares como motivos para estar na rua; nomeia-os de trecheiros
00:02:17	00:03:20	Idem	Revela que a maior dificuldade de uma pessoa sair das ruas é o vínculo familiar rompido, pois os moradores têm a sensação de que não serão aceitos; cita o desemprego
00:03:33	00:05:55	Idem	Diz que os moradores sentem falta do convívio familiar; 90% é a pessoa que decide, 10% são os órgãos públicos; cita casos de pessoas que conseguiram se recuperar; cita a história do Seo Francisco, ele foi um dos casos de sucesso; diz que o trabalho não é fácil, mas

			que é necessário acreditar no ser humano; de 10, se um for, já é um grande ganho; diz que é possível mudar de vida e inseri-la na sociedade
00:06:04	00:07:11	Idem	Diz que os moradores sofrem muito preconceito, que eles são tratados como vagabundos e noias; cita a Constituição, o direito de termos uma moradia
00:07:20	00:10:37	Idem	Diz que a história do Seo Francisco é o que mais a emocionou; cita brevemente como era a vida do Seo Francisco e cita a recuperação dele para uma vida mais digna; diz que é difícil estar na rua
00:10:40	00:14:33	Idem	Conta uma pouco da história do Seo Francisco; cita o uso abusivo de bebida alcóolica; fala sobre agressões; conta brevemente sobre a recuperação do Seo Francisco
00:14:38	00:19:52	Idem	Diz que acredita no ser humano como pessoa; fala que a população de rua é marginalizada, pois não pode, naquele momento, oferecer o que a sociedade quer; diz que é possível resgatar o morador de rua

APÊNDICE G – ROTEIRO DOCUMENTÁRIO



Título: Echo – Vozes das Ruas
Tempo: 12'21"
Redator: Gabrielle Gabas Felipe

1

VÍDEO	ÁUDIO
FADE – ENTRA SEO FRANCISCO	BG TRILHA: “DAYS ARE LONG” SONORA SEO FRANCISCO 04'46” – 04'50” D.I.: “Na rua...” D.F.: “...né?”
	07'08” – 07'18” D.I.: “Você tem que...” D.F.: “...sofre mesmo, né?”
	16'08” – 16'13” D.I.: “Então tudo...” D.F.: “...para morar.”
CONGELA IMG. SEO FRANCISCO ENTRA NOME DO DOC IMAGENS RUAS DE DENTRO DA KOMBI	SOBE SOM “DAYS ARE LONG”
CORTINA: “A QUEDA” – 5” FADE – ENTRA CESAR	VAI À BG “DAYS ARE LONG” ENTRA CESAR 1'17” – 1'24” D.I.: “Eu tinha uma...” D.F.: “...tinha câncer.”
	1'48” – 2'12” D.I.: “E nesse...” D.F.: “... fui para a rua e tô até hoje.”
FADE – ENTRA PETERSON (ESPELHADO)	ENTRA PETERSON 2'03” – 2'41” D.I.: “É, se você...” D.F.: “...casa, família.”
	3'03” – 3'34” D.I.: “Fiz muitas coisas erradas...” D.F.: “...por morar na rua.”



Título: Echo – Vozes das Ruas
Tempo: 12'21"
Redator: Gabrielle Gabas Felipe

2

VÍDEO	ÁUDIO
FADE – ENTRA DARLENE	ENTRA DARLENE 1'27" – 1'54" D.I.: "Nós temos uma..." D.F.: "...muita frequência, né?"
ENTRA IMAGEM ATENDIMENTO SAMU	2'12" – 3'03" D.I.: "Porém é sabido..." D.F.: "...muito séria essa questão."
CORTINA: "A LUTA" – 5"	
FADE – ENTRA SEO FRANCISCO	ENTRA SEO FRANCISCO 3'30" – 4'10" D.I.: "Todo lugar..." D.F.: "...serviço para as muié."
FADE – ENTRA CESAR	ENTRA CESAR 4'33" – 4'43" D.I.: "Não consigo..." D.F.: "...tendeu?"
FADE – ENTRA PETERSON ESPELHADO	ENTRA PETERSON 3'42" – 4'12" D.I.: "No começo..." D.F.: "...fome."
FADE – ENTRA CESAR	ENTRA CESAR 4'50" – 5'10" D.I.: "É cruel..." D.F.: "...para sobreviver mesmo."
FADE – ENTRA PETERSON ESPELHADO	ENTRA PETERSON 4'13" – 4'34" D.I.: "E depois..." D.F.: "...morador de rua."
FADE – ENTRA DARLENE	ENTRA DARLENE 4'10" – 4'30"



Título: Echo – Vozes das Ruas
Tempo: 12'21"
Redator: Gabrielle Gabas Felipe

3

VÍDEO	ÁUDIO
	D.I.: "O trabalho..." D.F.: "...resgate ocorra."
FADE – ENTRA MARIA	ENTRA MARIA 7'49" – 8'06" D.I.: "Tem alguns..." D.F.: "...essa situação."
CORTINA: "O PRECONCEITO" FADE – ENTRA SEO FRANCISCO	ENTRA SEO FRANCISCO 7'21" – 7'37" D.I.: "Conforme..." D.F.: "...pessoa perigosa, né?"
FADE – ENTRA PETERSON (ESPELHADO)	ENTRA PETERSON 4'59" – 5'55" D.I.: "Tem uns..." D.F.: "...bem discriminado."
ENTRA IMAGEM MORADOR LAVANDO PARABRISA	ENTRA MARIA 10'45" – 11'01" D.I.: "As pessoas..." D.F.: "...inserir na sociedade."
FADE – ENTRA MARIA	
	ENTRA DARLENE 6'21" – 7'01" D.I.: "No mundo..." D.F.: "...há a possibilidade de resgate."
FADE – ENTRA DARLENE	
	SOBE SOM TRILHA "DAYS ARE LONG"
IMAGENS TRABALHO COM MORADORES	
CORTINA: "REESCREVENDO A HISTÓRIA"	
FADE – ENTRA SEO FRANCISCO	ENTRA SEO FRANCISCO 16'08" – 16'17" D.I.: "Tudo o que eu queria..." D.F.: "...minha mesmo, né?"



Título: Echo – Vozes das Ruas
Tempo: 12'21"
Redator: Gabrielle Gabas Felipe

4

VÍDEO	ÁUDIO
	16'28" – 16'34" D.I.: "De agora para frente..." D.F.: "...se eu não fracasso, né?"
FADE - ENTRA MARIA	17'25" – 18'11" D.I.: "Passei por muita..." D.F.: "...eu tava ganhando o que era meu."
	ENTRA MARIA 11'38" – 12'15" D.I.: "Eu vejo..." D.F.: "...uma casa, um trabalho."
CORTINA: "UM SONHO" FADE – ENTRA SEO FRANCISCO	15'26" – 15'42" D.I.: "Mas a partir..." D.F.: "...no local."
	VAI À BG "DAYS ARE LONG" ENTRA SEO FRANCISCO 26'43" – 27'01" D.I.: "Meu sonho hoje..." D.F.: "...uma esposa que é o principal, né?"
FADE – ENTRA PETERSON	ENTRA PETERSON 7'21" – 7'29" D.I.: "Eu tenho o..." D.F.: "...de volta."
FADE – ENTRA CESAR	ENTRA CESAR 6'40" – 6'49" D.I.: "Se fosse..." D.F.: "...só isso."
FADE – ENTRA SEO FRANCISCO	ENTRA SEO FRANCISCO 21'24" – 21'45" D.I.: "A gente..." D.F.: "...nenhuma."
FADE – ENTRA CESAR	ENTRA CESAR 7'03" – 7'14"



Título: Echo – Vozes das Ruas
Tempo: 12'21”
Redator: Gabrielle Gabas Felipe

5**VÍDEO**

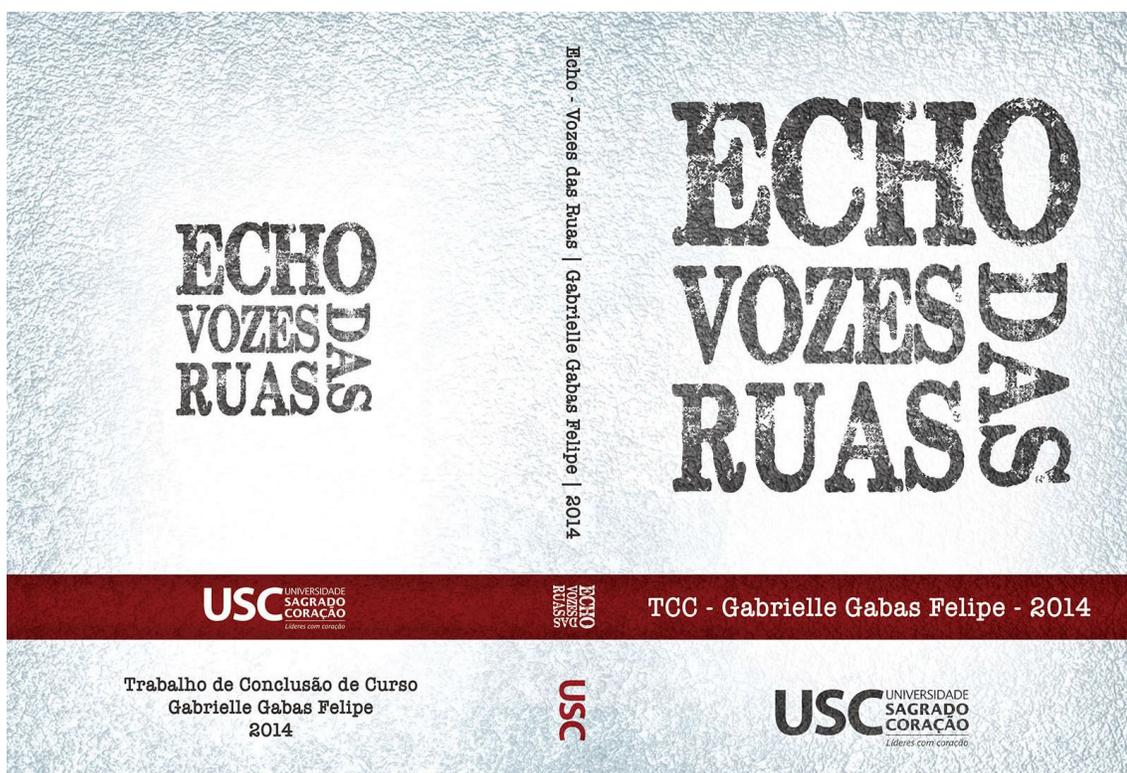
FADE – ENTRA SEO FRANCISCO
CONGELA SEO FRANCISCO

TELA: ‘SEO FRANCISCO VIVEU NA
RUA POR DOIS ANOS.
REESCREVEU SUA HISTÓRIA E
DEU UM NOVO SENTIDO À VIDA.
ELE É UM DOS MAIORES
EXEMPLOS DE QUE POLÍTICAS
SOCIAIS SÃO CAPAZES DE
RESGATAR UM SER HUMANO.’

ÁUDIO

D.I.: “Trate...”
D.F.: “...simples.”

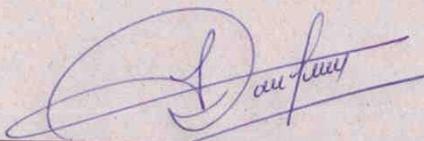
APÊNDICE H – IDENTIDADE VISUAL DOCUMENTÁRIO



APÊNDICE I – AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM DARLENE TENDOLO**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Neste ato, Darlene Martin Tendolo, nacionalidade Brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. 11.760.534, inscrito no CPF/MF sob nº 061.810.658-81, residente à Av/Rua Christiano Pagani, nº. 10-49 município de Bauru/São Paulo. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Echo – Vozes das Ruas", produto desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de curso da estudante de jornalismo Gabrielle Gabas Felipe, inscrita sob o CNPF nº 383.562.498-99. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Bauru, dia 28 de novembro de 2014.



(assinatura)

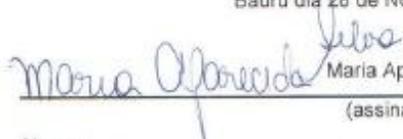
Nome: Darlene Martin Tendolo

Darlene Martin Tendolo
Secretária Municipal do
Bem Estar Social

APÊNDICE J – AUTORIZAÇÃO USO DE IMAGEM MARIA**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Neste ato, Maria Aparecida Silva nacionalidade Brasileira estado civil Solteira portador da Cédula de identidade RG nº. .16.221.192 inscrito no CPF/MF sob nº 109.075.008.-03 residente à Av/ Eduardo Resta nº1-128 NovaFlorida .município de Bauru São Paulo. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Echo – Vozes das Ruas", produto desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de curso da estudante de jornalismo Gabrielle Gabas Felipe, inscrita sob o CNPF nº 383.562.498-99. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Bauru dia 28 de Novembro de 2014.


Maria Aparecida Silva

(assinatura)

Nome:

APÊNDICE K – PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO

PROPOSTA DE DOCUMENTÁRIO	
Título do Projeto: Echo – Vozes das Ruas Diretor: Gabrielle Gabas Editor: Yuri Kufa	Formato: Full HD Veiculação: YouTube Tempo: 13'
Hipótese: documentário baseado na vida dos moradores de rua a fim de fomentar o investimento e o exercício de políticas sociais.	
Tema e exposição do tema: explicitar o cotidiano dos moradores de rua por meio de depoimentos de personagens que já viveram em situação de abandono ou que ainda vivem.	
Sequência de ação: produto filmográfico baseado em entrevistas, de forma a criar um diálogo entre os próprios personagens, documentarista e espectador, estabelecendo um relacionamento mais próximo e palpável.	
Personagem principal: Seo Francisco, ex-morador de rua, que ficou nessa situação por dois anos até largar o vício do álcool e se reestabelecer no mercado profissional e dignamente com a assistência de políticas sociais.	
Conflito: comprovar de que o morador de rua não está naquela situação porque quer, mas devido a influência de diversos fatores como desilusões amorosas, desemprego e vício em drogas.	
Público-alvo: o produto final tem como público toda a população brasileira, já que o problema se expande por todo território nacional, e será disponibilizado no YouTube, plataforma online, democrática e de fácil acesso.	
Entrevistas: Darlene Tendolo (Secretária do Bem Estar Social de Bauru), Maria (psicóloga), Cesar (morador de rua), Peterson (morador de rua) e Seo Francisco (ex-morador de rua).	
Estilo: os enquadramentos se limitarão a simplicidade do plano médio e do close-up. As imagens e a trilha sonora são tratadas de forma a causar impacto e sensibilizar o espectador.	
Perguntas: qual o seu nome e há quanto tempo está na rua?; por que foi parar nas ruas?; como é a vida na rua?; qual foi o momento mais traumatizante?; como você sente que a sociedade se comporta perante sua condição de vida?; do que você mais sente falta?; qual seu sonho?; o que você deixaria de mensagem para o mundo?	
Resolução: o documentário terminará de forma aberta e deixará a mercê do espectador a reflexão com base na história de Seo Francisco: políticas sociais realmente valem a pena?	

APÊNDICE L – ARGUMENTO DO DOCUMENTÁRIO

ARGUMENTO	
<p>Título do Projeto: Echo – Vozes das Ruas Diretor: Gabrielle Gabas Editor: Yuri Kufa</p>	<p>Formato: Full HD Veiculação: YouTube Tempo: 13'</p>
<p>Story Line: esmiuçar a vida dos moradores de rua, mostrando quem eles realmente são, da onde vieram e conscientizar que todos possuem uma história, incentivando a sociedade a exercer o amor de forma prática e o governo a investir mais em políticas sociais e educacionais, a fim de recuperar a pessoa em situação de rua.</p>	
<p>Sinopse: Seo Francisco nasceu na Bahia e migrou-se para Bauru na expectativa de conquistar uma vaga de emprego, porém, chegando na cidade, não foi isso o que aconteceu. Devido a idade e por não ter um endereço fixo estabelecido, as empresas não o contratavam, então, Seo Francisco foi para nas ruas. Em meio à zona urbana, o homem sentiu a dor do frio e o descaso da sociedade, até que, por meio de ações sociais, recuperou a dignidade: conseguiu um emprego e reestruturou sua vida.</p>	
<p>Escaleta: começar com uma frase impactante e que resuma o sentido do documentário, no caso, já apresentar a figura de Seo Francisco; reafirmar suas declarações por meio de fatos contados pelos próprios moradores de rua e, ao mesmo tempo, apresentar uma solução baseada em falas de especialistas. Utilizar trilha sonora impactante, mas que sensibilize. Quanto ao tratamento da imagem, contrastar, diminuir as cores, aumentar o preto e o branco, dando a sensação das ruas.</p>	